

Comunicação Espiritual, Autoridade Eclesiástica e Contradição Doutrinária: uma leitura crítica do “Manuscrito do Purgatório”

A obra conhecida como “**Manuscrito do Purgatório**” ocupa um lugar particular dentro da literatura católica de natureza mística. Sua narrativa descreve um intercâmbio contínuo entre a religiosa **Irmã M. d. I. C.** e o espírito da falecida **Irmã M. G.**, cuja voz, segundo o relato, instrui, admoesta, esclarece e comenta sua própria condição no estado pós-morte, ao longo de anos. O texto, ao ser avaliado e declarado livre de erro doutrinário por teólogos e autoridades eclesásticas, adquire valor espiritual e disciplinar interno.

Esse reconhecimento institucional, no entanto, expõe um dilema teológico e disciplinar. A **doutrina católica oficial nega a possibilidade de comunicação espontânea e habitual entre vivos e mortos**, permitindo-a apenas sob o regime de um milagre excepcional e com finalidades estritamente delimitadas. Em termos catequéticos, trata-se de um **evento extraordinário, não de uma lei natural**, e qualquer tentativa humana de evocação direta deve ser rejeitada, associando-a tradicionalmente à superstição ou ao demônio.

Entretanto, o conteúdo narrativo do livro contradiz essa formulação. Não há fenomenologia episódica. Há continuidade, instrução progressiva, detalhamento do estado espiritual da comunicante, e regularidade temporal. Em resumo, **há mediunidade**, independentemente da nomenclatura devocional aplicada. Logo, a obra apresenta uma tensão irreconciliável entre **a formulação dogmática declarada e a prática espiritual descrita**.

A estratégia de exceção permanente

Para resolver esse conflito, a obra mobiliza um expediente retórico: qualifica o fenômeno como um “privilegio”, uma “visita permitida por Deus”, e portanto **não**

como comunicação mediúnica natural, mas como “graça mística singular”. Esse deslocamento semântico não altera a natureza do fenômeno; apenas o protege institucionalmente.

Trata-se do mesmo mecanismo histórico utilizado para justificar as experiências visionárias de místicos católicos — seja Catarina de Siena, Teresa d’Ávila ou o Cura d’Ars —: quando ocorre sob tutela eclesiástica, **o diálogo com o além é “milagre”**; quando ocorre fora dela, é **“ilusão”, “heresias”, “espiritismo” ou “ação demoníaca”**. O critério não é ontológico nem moral — é **jurisdicional**.

A lei natural versus o privilégio teológico

O contraste com a perspectiva metodológica espírita é instrutivo. Allan Kardec não define o fenômeno como concessão mística, mas como lei da natureza espiritual: **os espíritos comunicam porque vivem, pensam, lembram e habitam outra dimensão da realidade, e não por serem invocados em regime de exceção milagrosa**. A abordagem kardeciana exige:

- observação sistemática
- crítica e comparação das mensagens
- universalidade do ensino
- controle de mistificação
- ausência de autoridade pessoal como critério de verdade

Já o manuscrito católico recorre ao critério inverso: **autoridade eclesial = legitimidade; ausência de autoridade eclesial = suspeição demoníaca**. Não há metodologia; há **ratificação hierárquica**. O fenômeno é idêntico — apenas a estrutura de validação difere.

A contradição interna irreversível

Se, conforme o dogma, a comunicação espiritual verdadeira é raríssima e sempre extraordinária, como justificar **uma comunicação registrada ao longo de mais de uma década**, com frequência regular e detalhamento progressivo? Uma exceção com permanência temporal deixa de ser exceção e assume a forma de **norma empírica**. O manuscrito, portanto, **não confirma o dogma católico — ele o viola pela prática**.

O texto pretende defender a ortodoxia; porém, ao documentar com naturalidade um processo de intercâmbio espiritual, revela inadvertidamente **a insuficiência da proibição e a artificialidade do “milagre restrito” como mecanismo disciplinar.**

Conclusão

O “Manuscrito do Purgatório” funciona como testemunho involuntário da viabilidade e continuidade do diálogo entre os dois planos da existência — justamente aquilo que a doutrina católica sustenta ser impossível fora de exceções miraculosas. A obra não demonstra a fragilidade do fenômeno espiritual, mas sim a fragilidade do **regime de controle discursivo sobre o fenômeno.** A contradição não reside no fato espiritual — reside **na tentativa institucional de monopolizá-lo.**

O manuscrito, ao invés de negar a mediunidade, a confirma — apenas muda seu nome para preservá-la no terreno da exclusividade clerical. O que se prova, assim, não é a inviabilidade do intercâmbio espirituais, mas o esforço histórico da Igreja para **administrar o acesso ao invisível,** e não para negá-lo em sua essência.

Ciência além do Empirismo: Modelos, Critérios e o Caso do Espiritismo

O Espiritismo, codificado por Allan Kardec no século XIX, desafia a visão tradicional da ciência ao propor uma investigação rigorosa de fenômenos espirituais. Neste artigo, exploramos como os métodos de Kardec se alinham com modelos contemporâneos de ciência, como o empirismo e o método hipotético-dedutivo. Através de uma análise comparativa, discutimos as compatibilidades e limites do Espiritismo em relação à ciência moderna, revelando que a verdadeira

divergência reside nas premissas ontológicas. Venha descobrir como o Espiritismo pode ser visto como um programa de pesquisa inovador e suas implicações para o entendimento da realidade espiritual.

Análise Crítica do Artigo “A Evolução do Espírito”: Erros Conceituais, Falhas Metodológicas e Distorções sobre Allan Kardec e o Espiritismo

Introdução

O [artigo de Heron Volpi](#) (“A EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO: O “Evolucionismo” de Allan Kardec”) assume desde o início que o Espiritismo é “uma religião” sujeita às mesmas críticas que outras crenças tradicionais. Essa premissa ignora a definição kardecista original do Espiritismo como **doutrina de tríplice aspecto** - ciência, filosofia e moral - e já põe em xeque sua argumentação. Volpi sustenta que Allan Kardec foi “reiteradamente racista” e que incorporou o *evolucionismo racial* para agradar à ciência do século XIX. A partir desses pontos, desenvolveremos uma análise crítica estruturada, apontando erros conceituais, falhas metodológicas e contradições nas alegações de Volpi. Usaremos **apenas obras de Kardec** para confrontar as acusações de racismo, mostrando que seus ensinamentos enfatizam igualdade, fraternidade e condenam o preconceito e a escravidão.

Espiritismo como Ciência e Moral (não

mera religião)

Premissa equivocada do autor. Volpi define repetidamente o Espiritismo como “religião espírita” e argumenta que ele “aparece muito mais baseado no discurso do que na ciência empírica”. Essa visão despreza declarações de Kardec de que o Espiritismo é **novo campo do conhecimento**. Nas obras fundadoras, Kardec apresenta o Espiritismo como **ciência de observação e doutrina filosófica**, com implicações morais próprias:

- “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas mesmas relações.”
- Kardec reafirma: “O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens [...] a existência e a natureza do mundo espiritual”.

Doutrina moral universalista. Além da ciência, Kardec sublinha o caráter **moral e ecumênico** do Espiritismo:

- “O Espiritismo é uma doutrina moral que fortifica os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões. Ele é de todas, e não é de nenhuma em particular. [...] Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira”.

Esses textos deixam claro que Kardec não via o Espiritismo como uma religião dogmática, mas como um caminho complementar à fé cristã, reforçando a caridade e a liberdade de culto. Portanto, classificar o Espiritismo ****“como qualquer outra religião”**** constitui um erro conceitual: o autor desconsidera o tríplice aspecto definidor da Doutrina Espírita e ignora as frequentes afirmações kardecistas de que ela se justifica pela razão e pela experiência, não por imposição de fé.

Falhas metodológicas e uso inconsistente

de fontes

O artigo de Volpi se apresenta mais como reflexão pessoal do que pesquisa acadêmica rigorosa. O próprio autor admite ter escrito em **primeira pessoa**, baseando-se em vivências próprias em centros espíritas:

- “Para começar devo esclarecer que eu, pessoalmente, tenho circulação por diversos centros espíritas do Brasil [...] escrevo esse texto tentando compreender os espaços, os quais eu mesmo faço parte”.

Essa abordagem indica forte **subjetividade**. Não há metodologia sistemática: ele confessa que sua “pesquisa de fôlego curto” reúne relatos pessoais e falas soltas. Ao mesmo tempo, mistura fontes de natureza variada (blogs, reportagens como as de Chico Alves e CartaCapital, entrevista de UOL) sem critério histórico claro. Não encontramos citações diretas a documentos históricos ou a estudos acadêmicos confiáveis que embasem suas conclusões. Em síntese, **falta-lhe rigor científico**: ele inicia o artigo como etnógrafo amador e transforma-o num ensaio de opinião. Esse procedimento frágil revela-se no próprio texto final: ele reconhece que, por não ser pesquisa longa, deve “ter cuidado com asserções generalistas” - o que, porém, não evita afirmações amplas e contestáveis.

Erros conceituais centrais

- **Visão eurocêntrica e evolucionista mal fundamentada.** Volpi insiste que Kardec “alocou o evolucionismo racial em seu discurso” e tratou o Espiritismo como “para um lugar paratópico” de crença baseada no discurso. Essa interpretação ignora que, nas obras espíritas, idéias de “evolução” referem-se ao progresso moral geral, não a uma hierarquia fixa de raças. Kardec discute como o homem original apareceu em vários pontos do globo, mas enfatiza que tais “variedades não formam espécies diferentes: *todos são da mesma família*”. Para ele, as diferenças físicas (cor da pele etc.) resultam de fatores naturais (clima, costumes) e não implicam mérito espiritual. Assim, a noção de *espécie humana* única embasa toda a codificação (cf. perguntas 53 e 54 de *LE*): “Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem

para o mesmo fim”. Esses princípios contrariam frontalmente a ideia de “raças superiores” permanentes.

- **Desconsideração do foco moral do Espiritismo.** Kardec faz questão de que o intuito principal da Doutrina é moralizar, não classificar ou excluir pessoas. O ensino do “Não faças aos outros o que não queres para ti” está presente no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* como máxima reguladora da conduta humana. Além disso, ele afirma que o Espiritismo visa “**incutir nos homens o espírito de caridade e de fraternidade**” e assim apagar os resquícios de barbárie social. Esses posicionamentos indicam uma orientação profundamente igualitária, oposta à discriminação. Desse modo, retratar o Espiritismo “como qualquer outra religião” baseada em discurso vazio é um exagero infundado: a doutrina espírita reivindica coerência entre pensamento, experiência e moral, não se limitando à retórica apologética.

Alegações de racismo: teses do autor versus contexto kardecista

Volpi afirma que em “diversas vezes” Kardec foi racista e que seu Espiritismo teria discursos racistas enraizados no *evolucionismo* das ciências do século XIX. De fato, em 1862 Kardec publicou na *Revista Espírita* o artigo “*Frenologia espírita e perfectibilidade da raça negra*”, no qual, reflexo das crenças de sua época, diz que “os negros são, sem dúvida, de uma raça inferior... são verdadeiras crianças”. Porém, esse texto, que reflete a ciência da época, foi separado de seu corpus principal e não reflete o ensino axiológico do Espiritismo. Ao contrário, as principais obras codificadas por Kardec contêm **mensagens claras de igualdade**:

- **Igualdade diante das leis divinas:** A resposta espírita à pergunta “Todos os seres humanos são iguais perante Deus?” é enfática: “Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos”. Em outras palavras, Deus não criou ninguém com privilégios “naturais”, pois **“o corpo do rico se destrói como o do pobre”**. Essa resposta (LE 803) destrói a ideia de qualquer desigualdade essencial.
- **Hermanidade universal:** Kardec questiona se, não tendo todos os

homens surgido de um mesmo “adão”, deveríamos deixar de ser irmãos. A resposta foi: **“Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim”**. Essa afirmação (LE 54) conclui que aparências distintas não quebram os laços fraternos: do ponto de vista moral, a humanidade é uma única família.

- **Condenação da escravidão:** O codificador espírita analisa a escravidão em vários itens (LE 829-832). Ele conclui que **“É contrária à natureza a lei humana que consagra a escravidão”** e que ela desaparecerá com o progresso moral. Critica quem se beneficia dessa prática: **“Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza”**. Ou seja, Kardec considerava moralmente reprovável escravizar o semelhante, mais ainda quando a própria lei da época já começava a ver a liberdade como inalienável.
- **Rejeição da hierarquia racial:** Kardec ironiza a noção de “sangue mais puro” no contexto da escravidão: **“Consideram-se de sangue mais puro os que assim procedem. Insensatos! Nada veem senão a matéria. Mais ou menos puro não é o sangue, porém o Espírito.”**. Aqui ele deixa explícito que a única “pureza” relevante é espiritual, não biológica. Essa afirmação refuta diretamente a ideia de que a cor da pele constitua critério moral ou evolutivo legítimo.
- **Respostas espíritas sobre origem humana:** Em *O Livro dos Espíritos*, Kardec transcreve perguntas às Entidades Superiores sobre a diversidade humana. As respostas atribuem as diferenças de aspecto aos fatores naturais (“clima, vida e costumes”) e afirmam que elas não formam espécies distintas. Os Espíritos confirmam que o homem apareceu em vários lugares e épocas, mas sem significar raças separadas. Isso reforça que, para o pensamento espírita, a multiplicidade de grupos étnicos é só aparência transitória – jamais justificativa de preconceito.

Esses ensinamentos centrais das obras de Kardec são **incoerentes com as acusações de racismo** que Volpi lhe imputa. Mesmo reconhecendo que Kardec refletiu conceitos científicos questionáveis do século XIX (como a frenologia), deve-se sublinhar que sua doutrina oficial exalta a fraternidade universal. Em diversas ocasiões, ele rejeita o preconceito: além dos exemplos citados acima, Kardec afirma repetidamente a máxima evangélica do amor ao próximo. Não encontramos em seus livros qualquer passagem que justifique discriminar alguém

por raça ou cor. Pelo contrário, “*a unidade da raça humana*” é um princípio espírita explícito (LE 54).

Conclusão: análise crítica e suporte acadêmico

Em suma, o artigo de Volpi apresenta graves falhas conceituais e metodológicas. Desconsidera a definição kardecista de Espiritismo como sistema científico-filosófico-moral e restringe-o à categoria de “religião”, ignorando que Kardec visava unificar ciência e fé, não contrariá-las. Sua argumentação sobre racismo em Kardec baseia-se em interpretações pessoais e textos pontuais, mas esbarra em declarações claras de Kardec a favor da **igualdade entre os seres humanos**, na condenação da escravidão e no incentivo à fraternidade universal.

Não há respaldo acadêmico significativo para as teses do autor. Em vez de pesquisas históricas ou análises críticas rigorosas, Volpi utiliza relatos não verificáveis, falas secundárias e reportagens jornalísticas recentes. Seus próprios critérios — circulação pessoal em centros espíritas e relatos subjetivos — não constituem evidência científica. Até o momento, nenhum estudo acadêmico sério confirma as alegações centrais do artigo. Ao contrário, as críticas a Kardec surgem mais em debates midiáticos e iniciativas editoriais antirracistas do que em investigações historiográficas. Portanto, as conclusões de Volpi têm muito mais o caráter de impressão pessoal do que de resultado de estudo acadêmico, o que fragiliza sua credibilidade como análise histórica do Espiritismo.

Referências: Citações extraídas das obras de Allan Kardec e de trecho do artigo de Heron Volpi conforme indicado. Nossa argumentação apoia-se nas respostas dos Espíritos codificadas por Kardec - sobretudo *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Médiuns* - que enfatizam a igualdade espiritual e condenam toda forma de opressão. Essas fontes refutam diretamente as interpretações equivocadas do autor.

UMBRAL, “NOSSO LAR” E OUTRAS IMAGENS: DEMOLIÇÃO SISTEMÁTICA

Tese: as imagens de um plano espiritual materializado — colônias muradas, umbral geográfico, espíritos armados, economia de “bônus-hora”, sopas, casinhas e hospitais — são mitos incompatíveis com os princípios centrais da Doutrina Espírita. Kardec submeteu tais ideias à análise — jamais as consolidou.

1. Colônias espirituais e “Nosso Lar”

Afirmção comum: o além é estruturado em cidades e colônias, com muros, ministérios e residências fixas (como em *Nosso Lar*).

Refutação: a identidade espiritual é moral, não arquitetônica. A forma e o ambiente são criações fluídicas, moldadas pelo pensamento e pela evocação. Espíritos lúcidos descrevem o meio espiritual como estados de consciência, não como cidades edificadas. Conclusão: mito das colônias muradas — derrubado.

2. Umbral como local geográfico de sofrimento

Afirmção comum: o “umbral” é região intermediária, zona densa e purgatorial.

Refutação: o sofrimento decorre da consciência culpada e da fixação mental no erro. Espíritos permanecem ligados aos locais de seus crimes até se renovarem moralmente, não por prisão territorial, mas por afinidade mental. “Umbral” é metáfora para o estado de perturbação pós-desencarne, não espaço físico. Conclusão: mito do umbral geográfico — derrubado.

3. Batalhas espirituais e defesas energéticas

Afirmção comum: Espíritos se protegem de ataques com dardos elétricos, campos de força ou muralhas.

Refutação: Espíritos inferiores não suportam a presença dos superiores. A ação entre planos é moral, não bélica. A simples irradiação do bem dissolve qualquer tentativa de hostilidade. Conclusão: mito das armas espirituais — derrubado.

4. Economia espiritual e “bônus-hora”

Afirmção comum: o bem gera créditos espirituais contabilizáveis.

Refutação: o mérito não é quantificável. O bem é espontâneo, livre, desinteressado. Substituir a moral por contabilidade é corromper o princípio da

liberdade da consciência. Conclusão: mito do “bônus-hora” — derrubado.

5. Espíritos alimentando-se de substâncias sutis

Afirmção comum: Espíritos “tomam sopas” ou “suquinhos” em zonas espirituais.

Refutação: a “fome” espiritual é desejo moral, não necessidade orgânica. Espíritos apegados à matéria projetam ilusões alimentares até libertarem-se. Conclusão: mito da sopinha — derrubado.

6. Necessidade de abrigo físico

Afirmção comum: Espíritos residem em casas, com móveis, camas e utensílios.

Refutação: não há frio, calor nem fadiga corporal. A ideia de habitação física expressa apenas analogia mental. Espíritos vivem em comunidades de afinidade, sem dependência material. Conclusão: mito da casinha — derrubado.

7. Forma corporal e identidade espiritual

Afirmção comum: Espíritos conservam feições e corpos fixos.

Refutação: a forma é produto do pensamento; só se mantém quando evocada ou desejada. O reconhecimento espiritual se dá pela essência, não pela aparência. Conclusão: mito da forma fixa — derrubado.

8. Hospitais espirituais

Afirmção comum: existem hospitais e enfermarias no plano espiritual, onde Espíritos “doentes” recebem tratamento médico.

Refutação: a dor espiritual é moral, não orgânica. Não há corpos a medicar, nem tecidos a regenerar. O chamado “tratamento” é assistência moral e esclarecimento, conduzido pela influência dos bons Espíritos e pela educação da vontade. As descrições de salas, leitos e instrumentos são traduções simbólicas da ação fluídica e pedagógica sobre Espíritos ainda presos às impressões da matéria. Conclusão: mito dos hospitais espirituais — derrubado.

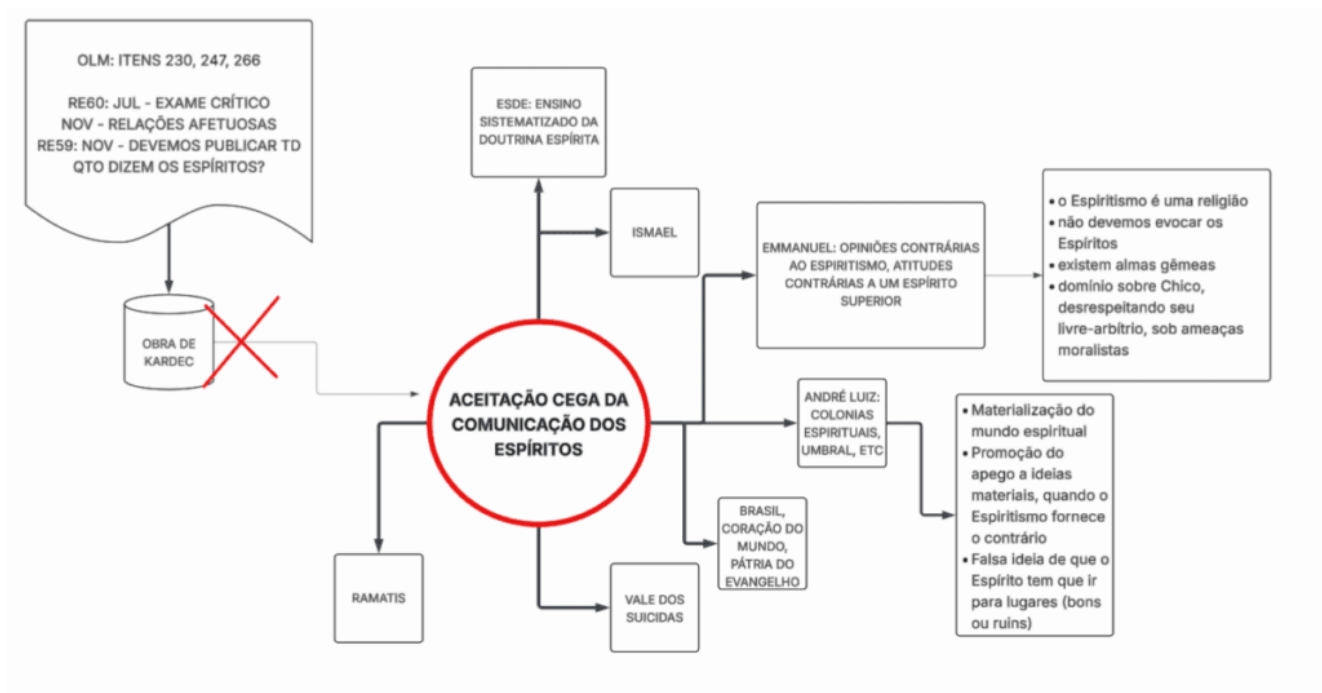
Conclusão geral

A Doutrina Espírita, em sua base kardecista, é desmaterializadora. O mundo espiritual não replica o mundo físico: é campo de consciência, de moralidade e de afinidade vibratória. Kardec jamais consolidou a ideia de colônias, umbrais, hospitais ou economias espirituais — porque, diante da análise comparativa e racional, tais concepções não resistem. Insistir nelas é abandonar a observação e retornar ao materialismo sob forma de fantasia religiosa.

A Crise Metodológica do Espiritismo Pós-Kardec: Um Estudo Crítico a partir da Aceitação Cega da Comunicação dos Espíritos

Após a morte de Allan Kardec, o movimento espírita sofreu um deslocamento metodológico decisivo. O exame crítico das comunicações, a evocação controlada e a comparação sistemática — fundamentos estabelecidos na Codificação — foram gradualmente substituídos por uma postura de aceitação irrestrita das mensagens mediúnicas. Esse processo abriu caminho para que concepções estranhas à Doutrina se consolidassem, transformando a ciência espírita em algo mais próximo de uma religião dogmática.

O percurso dessa transformação, suas causas e consequências, pode ser visualizado no esquema que se segue.



1. O Ponto de Partida: Kardec e a Metodologia Espírita

É fundamental compreender que Kardec **não criou o Espiritismo**, mas organizou suas manifestações em um corpo doutrinário coerente mediante **método científico**. Esse método baseava-se em:

- **Evocação direta dos Espíritos**, para testar a consistência das informações (cf. *O Livro dos Médiuns*, itens 230, 247, 266).
- **Comparação crítica de mensagens** recebidas em diversos lugares e por médiuns diferentes (*Revista Espírita*, artigos sobre exame e controle).
- **Submissão de todo ensinamento ao crivo da razão** (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, introdução, item VI).
- **Distinção entre opinião de Espíritos e princípios da Doutrina** (RE, novembro/1859: “Devemos publicar tudo quanto dizem os Espíritos?”).

O que Kardec deixou foi **um método, não um dogma**. O Espiritismo, sendo fato da natureza, só se legitima quando submetido ao critério racional e científico. O abandono dessa diretriz abriu caminho para a aceitação indiscriminada de comunicações mediúnicas.

2. A Ruptura: Do Controle ao Culto

O diagrama marca essa ruptura com o símbolo do **X sobre a obra de Kardec**. Ao invés de seguir o método do exame crítico, parte significativa do movimento espírita passou a:

- Aceitar comunicações sem comparação ou controle.
- Tomar como “revelação superior” mensagens que, por Kardec, seriam apenas **opiniões particulares de Espíritos**.

- **Relativizar ou desprezar a evocação**, transformando-a em algo “proibido” ou “perigoso”, em oposição direta à prática kardeciana.

Essa ruptura abriu espaço para um fenômeno perigoso: a **aceitação cega da comunicação dos Espíritos**, que se tornou o novo eixo do movimento.

3. As Consequências da Aceitação Cega

O diagrama evidencia diversos desdobramentos dessa postura acrítica:

3.1 Emmanuel

Apresentado como guia de Chico Xavier, Emmanuel introduziu noções que confrontam diretamente a Doutrina Espírita:

- Declaração de que o **Espiritismo seria uma religião** (Kardec definiu-o como ciência de observação e filosofia de consequências morais).
- **Proibição da evocação**, em contradição frontal com *O Livro dos Médiuns*.
- Ideia de **almas gêmeas**, rejeitada por Kardec.
- **Domínio sobre Chico**, impondo condicionamentos e ameaças morais, o que fere a liberdade de consciência.

3.2 André Luiz

A série de livros psicografados por Chico Xavier, atribuídos a André Luiz, criou representações como:

- **Colônias espirituais** (Nosso Lar).
- **Umbral** como região intermediária.

Esses conceitos **materializam o mundo espiritual**, estimulando apego a construções espaciais e institucionais, quando Kardec deixou claro que o Espiritismo aponta para a **desmaterialização progressiva da**

existência espiritual.

3.3 Ramatis

Introduz comunicações recheadas de teorias esotéricas, misticismo e previsões catastrofistas, sem correspondência com o método kardeciano. Sua aceitação deriva da mesma lógica: qualquer Espírito comunicante seria fonte de verdade.

3.4 Vale dos Suicidas

Obras como *Memórias de um Suicida* reforçam a noção de “lugares fixos” no além, de caráter punitivo ou reformatório, em contradição com a ideia de que **o estado espiritual é reflexo íntimo da consciência, não de geografias metafísicas.**

3.5 Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho

Obra atribuída a Humberto de Campos (sob inspiração de Emmanuel), que apresenta o Brasil como nação predestinada espiritualmente. Essa concepção reforça um **nacionalismo místico**, estranho à universalidade do Espiritismo.

4. O Papel do ESDE

O **Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE)**, embora estruturado com boas intenções pedagógicas, reflete a consolidação dessa ruptura. Ao adotar como base não apenas Kardec, mas também obras mediúnicas pós-Kardec (Emmanuel, André Luiz, etc.), o ESDE institucionaliza o afastamento do critério crítico e instala o **ecletismo acrítico**.

Resultado: as novas gerações de espíritas passaram a considerar como “doutrina espírita” aquilo que é apenas opinião de Espíritos, reproduzindo a **aceitação cega**.

5. Problemas Doutrinários Decorrentes

O diagrama lista os efeitos concretos desse desvio:

- **Materialização do mundo espiritual:** concepção de colônias, cidades, hospitais, prisões — reflexo de projeções humanas.
- **Promoção do apego a ideias materiais,** quando o Espiritismo tem por missão justamente **libertar da materialidade.**
- **Falsa ideia de destinos geográficos do Espírito** (lugares bons ou ruins), substituindo a compreensão de que o “céu” ou “inferno” são estados da alma.

6. A Substituição da Crítica pelo Dogma

O diagrama mostra, em última instância, como o movimento espírita passou:

- Do **exame crítico** (Kardec, 1857-1869),
- Para a **aceitação cega** (pós-Kardec, especialmente no Brasil).

Esse processo transformou a ciência espírita em **religião institucionalizada**, com dogmas, moralismo e submissão a “guias espirituais” não testados pelo método original.

7. Conclusão: Restauração da Metodologia Espírita

A mensagem central do diagrama é clara:

- Enquanto a obra de Kardec permanecer afastada como critério, o Espiritismo viverá sob o domínio da aceitação cega.
- O retorno ao método kardeciano de **exame racional, evocação crítica e universalidade do ensino dos Espíritos** é a única via de preservação do Espiritismo como ciência de observação.

O diagrama, portanto, não é apenas uma crítica histórica, mas um chamado à restauração metodológica: **sem crítica, o Espiritismo se dissolve no misticismo; com crítica, mantém sua identidade científica e filosófica.**

O Desvio do Espiritismo Após Kardec: Da França ao Brasil, e o Resgate da Autonomia

O Espiritismo não nasceu para ser mais uma religião engessada por dogmas ou uma seita fechada. Quando Allan Kardec codificou a doutrina no século XIX, ele a estabeleceu como uma **ciência filosófica com consequências morais**. Seu alicerce era o Espiritualismo Racional — um movimento vanguardista que substituíu a fé cega pela fé raciocinada e o materialismo bruto por uma compreensão científica da alma. O objetivo era claro e ambicioso: promover uma revolução moral e a renovação social da humanidade, fundamentada na liberdade absoluta e na autonomia intelectual do indivíduo.

No entanto, a história nos revela que essa luz da razão foi deliberadamente obscurecida. Kardec, prevendo que sua obra seria alvo de desvios, deixou arquivos rigorosos para que a verdade pudesse ser recuperada. O que se seguiu à sua morte, em 1869, não foi a evolução natural de seu pensamento, mas um verdadeiro golpe institucional.

A Traição na França: A Adulteração do Saber

Imediatamente após o desencarne de Kardec, o movimento espírita na França foi invadido por interesses escusos. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas foi marginalizada e a *Revista Espírita* caiu em mãos que, embora fingissem amizade, trabalhavam para descaracterizar a obra.

O crime mais grave foi a **adulteração sistemática dos livros fundamentais**. [Documentos oficiais comprovam que a quinta edição de “A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo” \(1872\) sofreu mais de cem modificações.](#) Conceitos vitais, como a conquista progressiva do livre-arbítrio, foram apagados para dar lugar a ideias místicas, como a noção de um corpo fluídico para Jesus. Várias partes da obra “*O Céu e o Inferno*” também foram manipuladas para inverter a compreensão da justiça divina.

Essas mudanças não foram erros editoriais, mas manobras orquestradas pela Sociedade Anônima da Caixa Geral e Central do Espiritismo, que transformou a divulgação do saber em um negócio lucrativo. A influência de Jean-Baptiste Roustaing foi decisiva nesse processo. Ao propor o Espiritismo como uma religião formal, com a reencarnação vista como “castigo divino”, Roustaing caminhou na direção oposta a tudo o que Kardec pregava. Apenas a resistência heróica de figuras como Amélie Boudet, Léon Denis e Gabriel Delanne evitou que a chama da integridade doutrinária se apagasse completamente na França.

O Eco do Erro no Brasil: A Institucionalização do Dogma

Infelizmente, enquanto o roustaingismo perdia força na Europa, ele encontrou solo fértil no Brasil. A profunda herança católica e a carência de um pensamento crítico sistematizado tornaram a população brasileira vulnerável a um Espiritismo “adocicado”, que misturava a razão de Kardec com os dogmas do Velho Mundo.

A Federação Espírita Brasileira (FEB), embora fundada com ideais progressistas em 1884, acabou sucumbindo a essa influência. Em 1902, a obra de Roustaing foi preferida ao “*Evangelho segundo o Espiritismo*”, sob a falsa promessa de ser uma “revelação completa”. Até mesmo a revista *Reformador*, outrora laica e livre-pensadora, tornou-se veículo de propagandas dogmáticas.

Nesse cenário, Bezerra de Menezes, ao alinhar-se aos grupos roustainguistas e afirmar que o “Espiritismo é religião”, contribuiu para um retrocesso intelectual. Essa visão foi posteriormente legitimada por obras psicografadas que tentaram inserir Roustaing como um missionário auxiliar de Kardec — uma tese contestada por estudiosos rigorosos, como Herculano Pires, diante da evidência de que originais foram incinerados para apagar as contradições.

A Luta pela Verdade: O Legado de Canuto Abreu

Diante desse cenário de desinformação, surge a figura fundamental de **Silvino Canuto Abreu**. Com a precisão de um historiador e a paixão de um buscador da verdade, Canuto Abreu dedicou sua vida a denunciar a deriva dogmática da FEB. Através de pesquisas exaustivas na França e no Brasil, ele resgatou milhares de manuscritos e depoimentos que provavam a distância abissal entre a liberdade proposta por Kardec e o tradicionalismo místico imposto pelas instituições brasileiras.

Seu trabalho, embora silenciado por décadas, é a chave para compreendermos que o Espiritismo foi sequestrado por uma visão retrógrada. Ele nos mostrou que a vulnerabilidade brasileira ocorreu porque ignoramos o **Espiritualismo Racional** — a base filosófica que, na França, protegia os espíritas do dogmatismo e defendia a moral laica e o dever consciente.

Conclusão: O Chamado ao Despertar

O desvio do Espiritismo não foi um acidente, mas um processo de distorção que transformou uma ciência da libertação em uma seita de obediência. Hoje, a restauração da verdade histórica, impulsionada por pesquisadores como Canuto Abreu e Simoni Privato Goidanich, não é apenas um exercício acadêmico, mas uma necessidade urgente.

É hora de romper com as amarras do passado e retornar à **fé raciocinada**. Somente ao resgatar a universalidade do ensino dos Espíritos e a autonomia moral, o Espiritismo poderá retomar sua missão original: elevar a humanidade intelectual e moralmente. O convite está feito: abandonemos a zona de conforto do dogma e reencontremos a coragem da razão.

Bibliografia

1. [Autonomia: A História Jamais Contada do Espiritismo](#)
 2. **Muita Luz (Beaucoup de Lumière)**, de Berthe Froppo
 3. [Mesmer: A Ciência Negada do Magnetismo Animal](#)
 4. [Nem Céu Nem Inferno: As Leis da Alma Segundo o Espiritismo](#)
 5. [O Verbo e a Carne: Duas Análises do Roustainguismo](#) (ou apenas **O Verbo e a Carne**)
 6. [O Legado de Allan Kardec](#)
 7. [Ponto Final: O Reencontro do Espiritismo com Allan Kardec](#)
 8. [Revolução Espírita: A Teoria Esquecida de Allan Kardec](#)
 9. **O Primado de Kardec**
-

Quando o Espiritismo se desfigura

O Espiritismo nasceu sob o signo da razão, da observação metódica, da comparação rigorosa e da humildade diante da verdade. Kardec deixou claro, em cada linha, que **o maior inimigo da Doutrina seria a vaidade humana, a intromissão das paixões pessoais, a contaminação por crenças místicas e a recusa em submeter as comunicações e os médiuns à crítica séria**. E, no entanto, é justamente isso que tem se infiltrado nos centros e grupos que se dizem espíritas.

Não são poucos os que transformam a mediunidade em espetáculo, que fazem de suas percepções pessoais uma espécie de oráculo intocável, e que reagem com **melindre** a qualquer tentativa de exame. Mas é preciso repetir, sem medo: **o médium não é dono da mensagem**. O instrumento não pode confundir-se com

a obra. Quando o orgulho ocupa o lugar da humildade, quando o egoísmo fala mais alto do que o dever, o Espiritismo se desfigura, tornando-se uma caricatura de si mesmo.

Mais grave ainda é a substituição do estudo sério das obras de Kardec por romances e fantasias. Muitos preferem os enredos novelescos que massagem a imaginação, em vez de enfrentar a disciplina da leitura densa, da comparação dos fatos, da análise crítica. Assim, confundem emoção com conhecimento, espetáculo com ciência. O resultado é um espiritismo frágil, vulnerável, incapaz de resistir às críticas, incapaz de produzir frutos duradouros.

Não há ciência espírita onde não há controle, onde não há observação metódica, onde não há coragem para rejeitar o erro, por mais sedutor que pareça. Kardec advertiu que os Espíritos enganadores exploram justamente o orgulho, a credulidade e a vaidade dos homens. Onde falta vigilância e espírito crítico, é inevitável que mistificação e ilusão se instalem.

É duro reconhecer, mas necessário: o Espiritismo não se sustenta em grupos que se fecham em torno de personalismos, que não aceitam correção, que confundem autoridade moral com infalibilidade. O verdadeiro espírita, dizia Kardec, é aquele que reconhece suas próprias imperfeições e luta para combatê-las. Quando vemos exatamente o contrário — orgulho, egoísmo, melindre, vaidade — é sinal de que algo essencial se perdeu.

O Espiritismo só permanecerá fiel a si mesmo se soubermos ter a coragem de encarar esses desvios, não para apontar dedos, mas para resgatar a seriedade da Doutrina. Não se trata de ferir, mas de lembrar: se nos dizemos espíritas, é à ciência espírita que devemos fidelidade, e não às nossas preferências pessoais. **O Espiritismo não nos foi dado para ser moldado às nossas paixões; foi-nos dado para nos libertar delas.**

O que Kardec desejava para o futuro do Espiritismo: Organização, Unidade e Colaboração

Quando Allan Kardec lançou O Livro dos Espíritos em 1857, ele fundou uma nova doutrina e estabeleceu as bases para uma ciência que estuda fenômenos espirituais. Kardec visava um futuro de colaboração, alertando sobre os perigos da centralização e defendendo uma estrutura descentralizada. Descubra como suas ideias ainda ressoam e como podemos retomar esse legado para manter o Espiritismo fiel ao seu espírito científico e moral.

Análise de Comunicação Mediúnic: Dose de Ânimo - Espírito Amigo

Fazer a análise das comunicações mediúnicas recebidas é tão importante quanto recebê-las e aplicá-las. O estudo comparativo entre elas e a Doutrina Espírita faz com que as validemos ou não. Além disso, nos ajuda a entender melhor o mundo que nos cerca.

Em uma de nossas conversas com os Espíritos no mês de setembro de 2025, recebemos a seguinte comunicação de um dos Espíritos Amigos que nos auxiliam:

Pergunta: Sobre esses esforços, às vezes parece que não encontram muitas pessoas dispostas por aí. Gostaria de uma avaliação nesse sentido de como estão.

Resposta: *A calma e a resistência. Para Kardec também não foi fácil. Com todas as distorções que agora se encontram nesse mundo. Com o materialismo ainda mais pungente do que era na época de Kardec.*

As pessoas, aos poucos, com a nossa intervenção, e podem ter certeza que estamos trabalhando com relação a isso, sentirão a nossa presença. Nem que para isso tenhamos que começar da mesma forma que foi no século de Kardec. Batendo, chamando.

Temos essa necessidade urgente de recomeço. E vocês serão procurados por muitos que sofrem por não entenderem aquilo que nós queremos transmitir.

Preparem-se para essa leva de pessoas que receberão nossos estímulos de todas as formas. Porque vocês serão aqueles que abrirão as portas ao recomeço. Não se assustem com a responsabilidade. Apenas façam aquilo que vocês sabem que devem fazer. Vejam que há muitas pessoas concordando com aquilo que vocês escrevem, com aquilo que vocês falam. Esses abrirão outras portas e receberão a mesma responsabilidade.

Não há um só ser, uma só consciência, que não será questionada. Eu não queria usar a palavra perturbada, mas ela significa algo que vocês entenderão. Não existe uma só consciência que não será perturbada pelo mundo que aqui se encontra, esse mundo espiritual.

Nós estamos coordenando vários grupos. Existem outros acima de mim, moralmente superiores, que nos enviam essas mensagens e nos fazem agir para que o mundo desperte — pelo menos uma grande quantidade de pessoas desperte para essa verdade absoluta que é o mundo espiritual.

E saiam do misticismo, das incoerências, das falsas verdades que se arraigaram nessa literatura vasta que vocês têm nas estantes, nas livrarias, que chamam por títulos mirabolantes, que pensam que falam do mundo espiritual. Não percam o caminho que se abriu diante de vocês.

Desejo que todos sejam a luz de Deus. Aquilo que digo desde sempre, comunico com vocês. Propaguem essa luz. Sejam, sim, a luz de Deus. Porque aqui todos nós somos a luz de Deus.

— Espírito Amigo

Todos: Muito obrigado. Que boa dose de ânimo.

A mensagem deste Espírito Amigo apresenta diversos pontos que encontram ressonância e elucidação nas obras de Allan Kardec, especialmente no que tange à natureza da comunicação espiritual, a propagação do Espiritismo e a responsabilidade dos encarnados nesse processo.

Vamos analisar a mensagem deste Espírito ponto a ponto, à luz dos ensinamentos da Doutrina Espirita:

1. “As pessoas, aos poucos, com a nossa intervenção, e podem ter certeza que estamos trabalhando com relação a isso, sentirão a nossa presença.”

- Esta afirmação está **plenamente alinhada** com o que Kardec e os Espíritos Superiores ensinam. Os Espíritos agem incessantemente sobre nós, muitas vezes sem o nosso conhecimento, quer sejamos espíritas ou médiuns. Eles formam uma população inquieta que pensa e age sem cessar, influenciando-nos para o bem ou para o mal. O Espiritismo revela esse mundo invisível e sua ação sobre o mundo visível. Os Espíritos Superiores têm uma missão de presidir à regeneração da Humanidade e dirigem os trabalhos, mesmo sem estarem encarnados. Portanto, a ideia de que os Espíritos trabalham ativamente para tornar sua presença sentida é um pilar da doutrina.

2. “Nem que para isso tenhamos que começar da mesma forma que foi no século de Kardec. Batendo, chamando. Temos essa necessidade urgente de recomeço.”

- Aqui, o Espírito se refere às **manifestações físicas ostensivas**, como os fenômenos de mesas girantes e ruídos, que foram os primórdios do Espiritismo. Kardec reconhece que essas manifestações, embora superficiais, tiveram sua utilidade. Elas serviram como um “vestíbulo da ciência”, um meio inicial para convencer as pessoas da existência dos Espíritos. O próprio Kardec menciona que “quem faz dançarem os macacos pelas ruas? Serão os homens superiores?” questionando a origem de tais manifestações mais simples, mas admitindo que “têm sua

utilidade, porque talvez mais que qualquer outra podem servir para convencer os homens de hoje”. Os Espíritos instrutores, entretanto, logo direcionaram o foco para a **filosofia e a moral**, indicando que a força do Espiritismo reside na razão e no bom senso, não apenas nos fenômenos materiais. Assim, a “necessidade urgente de recomeço” através de fenômenos físicos pode ser vista como uma estratégia para chamar a atenção dos **incrédulos**, um passo inicial para despertar a curiosidade e, em seguida, conduzir ao estudo sério da doutrina.

3. “E vocês serão procurados por muitos que sofrem por não entenderem aquilo que nós queremos transmitir. Preparem-se para essa leva de pessoas que receberão nossos estímulos de todas as formas. Porque vocês serão aqueles que abrirão as portas ao recomeço.”

- Essa previsão do Espírito está **muito de acordo** com os propósitos do Espiritismo e a experiência relatada por Kardec. A doutrina visa consolar os que sofrem, levantar a coragem dos abatidos e arrancar o homem de suas paixões e do desespero. O Espiritismo, por sua lógica e capacidade de explicar o que outras filosofias não conseguem, atrai aqueles que buscam a verdade e a consolação. Os médiuns, ao serem intérpretes dos Espíritos, cumprem a missão de instruir os homens e conduzi-los à fé. A propagação do Espiritismo muitas vezes ocorre porque ele “dá o que não dão as outras filosofias”. A mensagem também reflete a ideia de que os adeptos, uma vez esclarecidos, têm a **missão de espalhar a luz** ao seu redor, sem impor, mas sim oferecendo explicações aos que as buscam de boa-fé.

4. “Não se assustem com a responsabilidade. Apenas façam aquilo que vocês sabem que devem fazer. Vejam que há muitas pessoas concordando com aquilo que vocês escrevem, com aquilo que vocês falam. Esses abrirão outras portas e receberão a mesma responsabilidade.”

- A responsabilidade é um tema recorrente na doutrina espírita. Os médiuns, sendo favorecidos com a faculdade mediúnica, são lembrados de que serão “severamente punidos” se a desviarem de seu objetivo moral. A propagação das ideias espíritas implica o “dever de prática” e de honrar a

doutrina pelas obras. A concordância de ideias e o testemunho público são sinais de que a doutrina está tocando corações e mentes, validando o trabalho dos médiuns. A multiplicação de grupos e a adesão de pessoas que leram e compreenderam são vitais para a propagação, e esses novos adeptos também assumem a responsabilidade de espalhar a luz, como “apóstolos”.

5. “Não há um só ser, uma só consciência, que não será questionada. Eu não queria usar a palavra perturbada, mas ela significa algo que vocês entenderão. Não existe uma só consciência que não será perturbada pelo mundo que aqui se encontra, esse mundo espiritual.”

- Esta observação do Espírito Comunicante é **profundamente condizente** com a visão espírita da interação constante entre os dois mundos. O “mundo espiritual” que nos cerca, invisível, exerce uma ação contínua sobre nós, moral e fisicamente. Os Espíritos não são passivos; eles pensam e agem incessantemente, influenciando-nos. Essa influência, mesmo dos bons Espíritos, é um estímulo à nossa consciência, levando-nos a refletir e a progredir. A “perturbação” pode ser interpretada não como algo necessariamente negativo (como uma obsessão), mas como um **despertar da consciência** para a realidade espiritual, que desafia as ideias materialistas e as certezas antigas. O Espiritismo é justamente essa luz que aclara os recônditos da sociedade e perturba as trevas da incredulidade. É um “facho de luz” que dissipa o materialismo.

6. “Nós estamos coordenando vários grupos. Existem outros acima de mim, moralmente superiores, que nos enviam essas mensagens e nos fazem agir para que o mundo desperte. Pelo menos uma grande quantidade de pessoas desperte para essa verdade absoluta que é o mundo espiritual.”

- Esta parte da mensagem **reforça a estrutura hierárquica e organizada do mundo espiritual**, tal como descrito por Kardec. Os Espíritos ensinam que há uma diversidade de conhecimentos e qualidades morais entre eles. Existem Espíritos de diferentes ordens, desde os “simples, ignorantes que são” até os “superiores”, que podem dar instruções. O

“Espírito de Verdade” é um dos guias principais, e há grandes Espíritos que receberam missão de presidir à regeneração da Humanidade. A coordenação de grupos e a recepção de mensagens de Espíritos moralmente superiores são características do trabalho sério no Espiritismo. O objetivo final é o aperfeiçoamento do homem moral e a destruição do materialismo, levando a Humanidade a reconhecer a verdade absoluta que é o mundo espiritual. A multiplicação dos grupos e a propagação da doutrina são meios para atingir esse despertar global.

7. “E saiam do misticismo, das incoerências, das falsas verdades que se arraigaram nessa literatura vasta que vocês têm nas estantes, das livrarias, que chamam por títulos mirabolantes, que pensam que falam do mundo espiritual.”

- **Crítica ao misticismo e às falsas verdades:** Kardec sempre enfatizou que o Espiritismo não é uma crença cega, mas uma doutrina que apela à **razão e ao bom senso**. Ele adverte contra a prática do Espiritismo que se desvia de seu objetivo moral, caindo na curiosidade estéril. A doutrina fala uma linguagem clara, **sem ambiguidades e sem misticismo** ou alegorias suscetíveis a falsas interpretações, pois “chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade”.
- **Incoerências e contradições:** os próprios Espíritos instrutores, citados por Kardec, alertam que se encontrará **contraditores encarniçados** e mesmo **Espíritos que procuram semear a dúvida por malícia ou ignorância**. Há Espíritos com ideias limitadas e outros que julgam saber tudo e tudo querem explicar à sua maneira, gerando opiniões dissidentes. Por isso, o Espiritismo ensina que **as comunicações devem ser submetidas ao crivo da lógica e da razão**, e que não se deve aceitar cegamente tudo o que vem dos Espíritos, pois eles dizem o que sabem e nem sempre possuem a verdade absoluta. Kardec, ao codificar, baseou-se na **concordância universal dos ensinamentos** dos Espíritos, obtida através de múltiplos médiuns em diversas regiões ao mesmo tempo, como a única garantia séria contra as contradições e sistemas parciais.
- **“Literatura vasta que vocês têm nas estantes, das livrarias, que chamam por títulos mirabolantes”:** Isso reflete a preocupação com a

proliferação de obras que, embora se apresentem como espíritas, podem conter extravagâncias ou serem fruto de obsessão, prestando-se ao ridículo e **dando armas aos inimigos da causa**. Kardec alertava para o perigo de divulgar levemente comunicações apócrifas ou que, por sua inferioridade, não contribuem para o esclarecimento. O verdadeiro saber e a verdadeira virtude não podem ser imitados pela ignorância e pelo vício.

8. “Não percam o caminho que se abriu diante a vocês.”

- **O “caminho” do Espiritismo:** Para Kardec, o Espiritismo é um caminho de **esclarecimento e progresso moral**, com a missão de **combater a incredulidade e suas funestas conseqüências**, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura. Ele se apresenta como um **poderoso auxiliar**, confirmando suas verdades fundamentais e explicando o que o Cristo não pôde dizer em seu tempo porque a Humanidade não estava madura para compreender.
- **Perder o caminho:** Implicaria desviar-se dos **princípios da verdadeira caridade** e do **desinteresse pessoal**, ou da busca pelo aprimoramento moral. Os médiuns, por exemplo, são advertidos de que, se desviarem a mediunidade de seu objetivo moral, serão severamente punidos. A ênfase é em tornar-se melhor, pois o único meio de avançar é o de tornar-se melhor.

9. “Desejo que todos sejam a luz de Deus. Aquilo que digo desde sempre, comunico com vocês. Propaguem essa luz. Sejam, sim, a luz de Deus. Porque aqui todos nós somos a luz de Deus.”

- **Ser e propagar a “luz de Deus”:** Esta é a **missão fundamental** dos espíritas e da própria doutrina. Os Espíritos Superiores são os **ministros de Deus** e agentes de Sua vontade, com a missão de instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da humanidade. Os adeptos são chamados para pregar a palavra divina. Eles devem regar com seu suor o terreno onde semeiam, pois a doutrina só frutificará sob os esforços incessantes.
- **“Todos nós somos a luz de Deus”:** Essa afirmação sublinha a visão

espírita de que **todos os homens são médiuns** em potencial, possuindo um **Espírito familiar que os dirige para o bem, mesmo que não o percebam conscientemente**. A elevação moral e intelectual é o destino de todos os Espíritos, e o conhecimento espírita é um meio de nos aproximar da Divindade. A doutrina busca despertar nos homens o amor ao bem pela prática dos preceitos de Jesus. A fé raciocinada que o Espiritismo proporciona multiplica o número dos chamados.. O progresso da Humanidade depende da compreensão e aplicação dessa luz, transformando a sociedade.

Em suma, a mensagem deste Espírito ecoa a voz dos Bons Espíritos Esclarecidos que, desde a Codificação, exortam os homens a sair da ignorância e do erro, a abraçar uma fé raciocinada, e a se tornarem ativos propagadores da verdade e da caridade, pois é através da melhoria individual e da união fraterna que a Humanidade alcançará seu progresso moral.

Evocações e Reuniões Mediúnicas: Fundamentos Científicos Segundo Allan Kardec

Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, dedicou-se a observar, examinar e sistematizar os fenômenos mediúnicos com rigor científico. Em suas obras - como *O Livro dos Médiuns*, *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* e os inúmeros relatos da *Revista Espírita* - Kardec descreve a prática das evocações de Espíritos e das reuniões mediúnicas como verdadeiros **laboratórios de pesquisa psíquica**. Neste artigo, exploramos como Kardec implementou essas práticas de forma racional, controlada e metódica no desenvolvimento da ciência espírita. Também contrastaremos essa abordagem com certas posturas do movimento espírita contemporâneo, que frequentemente condenam a evocação e adotam uma atitude mais passiva e acrítica em relação à mediunidade, inclusive

desencorajando seu exercício no lar. Veremos como tais posturas modernas contrastam com os fundamentos metodológicos da ciência espírita estabelecidos por Kardec.

Kardec e a Prática Racional das Evocações de Espíritos

Desde os primórdios do Espiritismo, evocar Espíritos era uma prática comum e plenamente aceita por Kardec quando realizada com **seriedade e propósitos elevados**. Kardec refutou a ideia de alguns de seus contemporâneos de que seria melhor nunca chamar um Espírito específico e apenas aguardar comunicações espontâneas. Essa visão “passiva”, segundo ele, era equivocada. Sem a evocação direcionada, abria-se espaço para que qualquer Espírito presente (muitas vezes Espíritos inferiores, ávidos por se manifestar) tomasse a palavra, criando potencial **confusão e mistificação**. “O apelo direto feito a um determinado Espírito é um laço entre ele e nós”, explicava Kardec, “e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos”. A experiência demonstrava que a evocação deliberada de um Espírito conhecido ou determinado era **preferível**, garantindo mais controle e segurança quanto à identidade do comunicante.

Kardec não via a evocação como um ritual místico, mas como um **convite respeitoso** e fundamentado. Não havia fórmulas mágicas: bastava **chamar o Espírito em nome de Deus**, com seriedade e respeito, dizendo por exemplo: “Rogo a Deus Todo-Poderoso que permita ao Espírito de [Fulano] comunicar-se conosco”. Se o Espírito pudesse atender, normalmente haveria uma resposta imediata afirmativa ou indicativa de sua presença. Muitas vezes Kardec observou a surpreendente prontidão com que um Espírito evocado pela primeira vez comparecia, como se já estivesse **prevenido pelo pensamento antecipado do evocador**. Ele explica que nossos próprios guias espirituais ou Espíritos familiares se encarregam de “preparar o caminho” para a comunicação, podendo até “ir buscar” o Espírito chamado. Em alguns casos, se o Espírito não puder vir de imediato, um mensageiro espiritual informa um prazo (minutos, horas ou dias) após o qual o comunicante estará presente.

Importa notar que, segundo Kardec, **qualquer Espírito, de qualquer grau evolutivo, poderia ser evocado** - desde os Bons Espíritos até os Espíritos imperfeitos; pessoas falecidas recentemente ou figuras da antiguidade; sábios

ilustres ou entes queridos anônimos. Isso ampliava enormemente o campo de investigação da nascente ciência espírita. Evidentemente, ele alerta que nem sempre o Espírito estará em condições ou terá permissão superior para atender; podem existir impedimentos ou recusas, conforme a vontade do Espírito ou determinação de ordens mais elevadas. Ainda assim, o princípio era claro: **não há proibição intrínseca** a evocar Espíritos “sofredores” ou de baixa condição – pelo contrário, essas comunicações, se conduzidas com seriedade e fim edificante, servem ao estudo e até à caridade espiritual. Kardec inclusive menciona a possibilidade de evocar o **Espírito de pessoas vivas** (encarnadas), em estado de desprendimento pelo sono, embora essa prática exija prudência e não deva ser feita levianamente. Em suma, a evocação para Kardec era uma ferramenta legítima de pesquisa e intercâmbio: um **diálogo evocativo, consciente e respeitoso**, visando sempre a instrução moral e intelectual.

Reuniões Mediúnicas como “Laboratórios” de Fenômenos Inteligentes

Kardec organizou as sessões mediúnicas com o mesmo cuidado de um cientista montando um experimento em laboratório. As **reuniões mediúnicas** sérias eram conduzidas com método, disciplina e objetivos definidos de estudo. Em *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas*, ele enfatiza que tais reuniões devem revestir-se de **caráter grave e elevado**. Grupos que buscavam apenas diversão ou curiosidade ficavam “entregues a si mesmos” – nelas os assistentes pedem futilidades (adivinhação de futuro, questões banais) e inevitavelmente serão atendidos por Espíritos zombeteiros, obtendo respostas levianas. O perigo dessas reuniões frívolas, Kardec alerta, é que pessoas inexperientes podem tomar como sérias as brincadeiras de Espíritos inferiores, formando uma ideia distorcida do mundo espiritual. Por isso, **silêncio, recolhimento e regularidade** eram condições primordiais nas sessões espíritas dedicadas à pesquisa. As reuniões deviam ocorrer em dias e horários fixos, de preferência uma ou duas vezes por semana, para que mesmo os Espíritos comunicantes se programassem e comparecessem pontualmente. Kardec observa que muitos Espíritos tornam-se “frequentadores assíduos” de um grupo sério e regular, a ponto de cobrarem atrasos dos encarnados e só iniciarem a comunicação na hora habitual. Essa assiduidade permitia um acompanhamento contínuo e **progressos cumulativos** nos estudos, já que certos Espíritos instrutores assumiam papel de orientadores

constantes.

Nas reuniões bem conduzidas, Kardec via a aplicação prática do **método científico** ao mundo espiritual. Cada sessão era registrada, as comunicações anotadas e posteriormente comparadas com outras obtidas em circunstâncias diferentes. Na *Revista Espírita*, ele publicou inúmeras “**conversas de além-túmulo**”, transcrevendo diálogos com Espíritos de diversas categorias – desde pessoas comuns recém-falecidas até nomes célebres como Mozart, Bernard Palissy ou Luis XI. O objetivo não era entretenimento, mas **observação sistemática** dos Espíritos em diferentes situações, colhendo dados para deduzir leis gerais. Por exemplo, Kardec acompanhou o caso de Espíritos logo após a morte e depois de algum tempo, “seguindo-os passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operaram neles, em suas ideias, em suas sensações”. Esse acompanhamento permitiu estudar a evolução moral dos Espíritos, suas expiações e progressos, tal como um biólogo observaria a transformação de um organismo ao longo do tempo.

A *Revista Espírita* serviu como repositório desses **relatórios de sessões e comunicações**, permitindo a Kardec e aos leitores identificar padrões e verificar a consistência dos ensinamentos espirituais. Em uma introdução a um diálogo mediúnico publicado, Kardec ressalta a “**concordância perfeita**” entre as respostas obtidas do Espírito de Mozart e as dadas por outros Espíritos, em épocas e lugares diferentes, inclusive informações contidas em *O Livro dos Espíritos*. Ele chama a atenção do leitor para essa semelhança, sugerindo que dali se tire a devida conclusão – ou seja, a convergência de mensagens através de diferentes médiuns e contextos reforçava a *validade objetiva* dos ensinamentos, tal qual resultados replicados em diversos laboratórios fortalecem uma teoria científica. Essa abordagem comparativa, buscando **controle cruzado das comunicações**, era central no **método kardeciano** de pesquisa.

Outra condição fundamental era a **qualidade das perguntas e do ambiente mental** dos participantes. Kardec elogiava quando as questões eram formuladas “com ordem, clareza e precisão, sem se afastar da linha séria”, pois isso criava a condição essencial para obter boas comunicações. Espíritos elevados acorrem naturalmente a grupos sérios, genuinamente interessados no saber e no bem, ao passo que “os Espíritos levianos se divertem com as pessoas frívolas”. Vemos aqui um retrato claro das sessões como **laboratórios morais**: a “atmosfera” criada pelas intenções elevadas funciona como reagente que atrai Inteligências

superiores, enquanto ambientes de leviandade sintonizam apenas com entidades de baixo teor. Além disso, Kardec recomendava que as **perguntas aos Espíritos seguissem um encadeamento lógico**, uma sequência natural de ideias, em vez de assuntos aleatórios e desconexos. “É essencial que elas se encadeiem com método, decorrendo naturalmente umas das outras”, pois assim “os Espíritos respondem com muito mais facilidade e clareza” do que se fossem interrogados ao acaso. Essa orientação lembra a condução de uma entrevista científica ou interrogatório racional, maximizando a coerência das revelações obtidas.

Em termos de infraestrutura, Kardec desmistificou quaisquer requisitos supersticiosos. **Não havia lugares ou horários “mágicos”** para a comunicação mediúnic: podia-se realizar uma reunião a qualquer dia e hora conveniente, desde que em ambiente propício ao recolhimento, longe de distrações. “Não há lugares especiais e misteriosos para as reuniões espíritas”, ele escreveu; deve-se até *evitar* lugares que impressionem excessivamente a imaginação. **Bons Espíritos vão a toda parte onde haja um coração puro que os convoque para o bem**, enquanto os maus Espíritos “não têm predileção senão pelos locais onde encontram simpatias”. Cemitérios ou locais assombrados, por exemplo, não possuem influência automática - o que importa é a sintonia moral dos participantes e não o cenário físico. Essa orientação evidencia que **qualquer local adequado, inclusive um lar modesto, pode sediar uma reunião mediúnica séria**, desde que haja respeito e elevação de propósitos.

Método e Controle Crítico na Ciência Espírita de Kardec

O desenvolvimento da ciência espírita por Kardec caracterizou-se por um **rigor metodológico exemplar**, que combinava observação empírica com raciocínio lógico. Em *O Livro dos Médiuns*, ele expõe detalhadamente os meios de comunicação com o mundo invisível, os diferentes tipos de médiuns e fenômenos, bem como os obstáculos e perigos na prática espírita. Kardec adotava um **método de controle rigoroso** das comunicações espirituais: ele somente acolhia os ensinamentos dos Espíritos quando estes **faziam sentido à luz da razão** e mostravam-se coerentes entre si. Conforme destaca J. Herculano Pires, Kardec submetia as explicações espirituais a um crivo racional, alinhado com a metodologia científica, e descartava tudo que fosse contraditório ou absurdo. Essa

postura crítica impediu que o Espiritismo degenerasse em credence ou misticismo cego - desde o início foi pensado como uma ciência de observação, em que hipóteses sobre a realidade espiritual deveriam ser testadas, comparadas e **validadas por múltiplas evidências independentes**.

Uma das grandes preocupações de Kardec era **distinguir a verdade do erro** nas mensagens mediúnicas. Ele sabia que nem todas as comunicações provinham de fontes fidedignas - existiam Espíritos ignorantes ou maliciosos capazes de enganar os incautos, bem como os próprios médiuns poderiam interferir, consciente ou inconscientemente. Por isso, o codificador e os Espíritos superiores constantemente recomendavam: **“ submetamos todas as comunicações ao controle da razão e da lógica ”**. Nada devia ser aceito cegamente. Essa recomendação permanece atual e é uma das pedras angulares do **método kardeciano**. Quando surgiam contradições ou afirmações duvidosas, Kardec não hesitava em questionar novamente o Espírito comunicante, fazer novas evocações sobre o mesmo tema e até consultar outros grupos e médiuns, até formar uma convicção embasada. *O Livro dos Médiuns* traz capítulos específicos sobre **mistificações e contradições**, ensinando a identificar comunicações apócrifas e a lidar com Espíritos trapaceiros. Kardec orienta, por exemplo, que se deve **“ empurrar o Espírito a mostrar seu lado fraco ”**: espíritos pseudo-sábios não conseguem sustentar por muito tempo um discurso elevado sem se traírem, caso sejam pressionados com perguntas aprofundadas ou tenham que manter a coerência em sucessivas mensagens. Ele também adverte os médiuns quanto à fascinação - a cegueira em relação às próprias comunicações - e insiste que a **experiência e o estudo prévio** são as melhores salvaguardas contra o engano espiritual.

Essa postura eminentemente **crítica e investigativa** contrasta com qualquer passividade. Kardec via o médium e o grupo como parte ativa do processo: cabia-lhes filtrar, analisar e questionar os Espíritos comunicantes, tal qual cientistas diante de resultados experimentais. **Credulidade e ceticismo extremos eram igualmente combatidos** por ele. No primeiro número da *Revista Espírita*, Kardec afirma que o propósito daquela publicação era manter o público informado “dos progressos desta ciência nova” e também **preveni-lo contra os exageros da credulidade, tanto quanto contra o ceticismo**. Ou seja, o Espiritismo nascente deveria trilhar um caminho equilibrado, alicerçado em fatos e na razão, evitando tanto a crença ingênua em qualquer espírito enganador

quanto a descrença teimosa que se recusa a examinar as evidências. Essa mentalidade aberta porém exigente é o que conferiu ao Espiritismo o caráter de **ciência moral**: investigam-se fenômenos inteligentes com os instrumentos da lógica, da ética e do consenso universal dos ensinamentos dos Espíritos superiores.

Contrastes com a Prática Espírita Contemporânea

Passados mais de 160 anos, o movimento espírita - especialmente em alguns países como o Brasil - consolidou-se como referência em ética e caridade, porém nem sempre mantém práticas alinhadas integralmente com o **espírito investigativo kardeciano**. Observam-se, por exemplo, diferenças marcantes quanto ao tema das evocações e ao uso crítico da mediunidade, resultando em uma postura frequentemente mais **passiva e conservadora** diante dos fenômenos. A seguir, comparamos alguns pontos-chave:

- **Evocação de Espíritos:** Kardec normalizava e incentivava a evocação dirigida de Espíritos para fins sérios de estudo ou auxílio mútuo, como vimos. No movimento espírita contemporâneo, porém, tornou-se quase um **tabu “evocar” Espíritos** por nome. Muitos centros espíritas ensinam médiuns a *não chamar* nenhum Espírito específico, argumentando que se deve deixar que apenas Espíritos autorizados se manifestem espontaneamente. Essa diretriz bem-intencionada busca evitar fraudes ou obsessões, mas acaba contrariando a orientação original de Kardec. Segundo ele, abstendo-se de evocar alguém em particular, “abre-se a porta a todos os [Espíritos] que desejam entrar” - ou seja, justamente os intrusos. A recomendação de Kardec era oposta: **convidar nominalmente** um Espírito elevado ou familiar específico, em nome do bem, cria um vínculo e dificulta a interferência de mistificadores. A prática moderna de apenas orar genericamente e esperar comunicações passivas pode, ironicamente, deixar o grupo *mais vulnerável* à ação de Espíritos inferiores, ao contrário do que se presume. Além disso, abdicar das evocações **empobrece o conteúdo** das reuniões: Kardec demonstrou ser possível entrevistar Espíritos sobre temas profundos (como na conversa com Mozart, onde se discutem questões de mediunidade e

imortalidade) e assim enriquecer o conhecimento espírita. Hoje, essa postura investigativa muitas vezes cede lugar a mensagens espirituais genéricas, aceitas sem maior questionamento.

- **Atitude Crítica versus Passividade:** Outra diferença notável está na maneira de encarar as comunicações mediúnicas. Kardec inculcava nos grupos e médiuns a necessidade do **discernimento contínuo**, do exame racional de cada mensagem. Ele próprio, ao dirigir a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, agia como um moderador crítico, debatendo com os Espíritos comunicantes, refutando erros doutrinários e até **corrigindo Espíritos mistificadores publicamente** (casos bem documentados na *Revista Espírita*). Em contrapartida, é comum no movimento atual uma certa **resignação acrítica** diante das comunicações atribuídas a Espíritos benfeitores. Muitos centros adotam a orientação de que o médium não deve duvidar ou interferir na mensagem enquanto a transmite - o que é correto do ponto de vista da passividade necessária na psicografia/psicofonia - porém, após recebida a mensagem, raramente se promove um estudo crítico do conteúdo. Mensagens assinadas por Espíritos venerados são prontamente aceitas e divulgadas, mesmo quando trazem elementos questionáveis ou contradições sutis com a Codificação. Este **abafamento do espírito crítico** contrasta com o conselho direto dos Espíritos superiores de ontem e de hoje: “não vos esqueçais de submeter todas as comunicações ao crivo da razão; **é melhor rejeitar nove verdades do que aceitar uma única falsidade**” - máxima muitas vezes reiterada nas obras básicas. Kardec mostrava que respeito aos Espíritos não implica credulidade cega; ao contrário, a **verdadeira fé raciocinada** exige análise e verificação. Assim, a postura contemporânea, por prudência ou mesmo comodismo, tende a **supervalorizar a passividade** (como se toda contestação fosse falta de humildade), enquanto o método kardeciano enfatizava a *participação inteligente* do investigador encarnado no diálogo com o além.
- **Exercício da Mediunidade no Lar:** Um ponto de divergência prático-teórica diz respeito ao **ambiente adequado para a mediunidade**. No movimento atual, consolidou-se a ideia de que a mediunidade deve ser exercida preferencialmente (ou exclusivamente) no centro espírita, nunca no lar. Muitos alegam que reuniões mediúnicas domésticas seriam arriscadas, por falta de orientação de doutrinadores experientes ou por supostamente atrair más influências sem “proteção” institucional.

Novamente, a leitura das obras de Kardec mostra uma perspectiva diferente. Já em 1858, ele observava que os fenômenos espíritas se propagavam com rapidez justamente porque **qualquer família podia ter o seu médium** e realizar comunicações em seu círculo íntimo, assim como ocorria com os sonâmbulos no magnetismo. “Se [os fenômenos] não se produzem à luz do dia, publicamente, ninguém pode opor-se a que tenham lugar na intimidade”, escreveu Kardec, concluindo que é impossível impedir *qualquer pessoa* de ser médium. De fato, muitas comunicações importantes vieram de pequenos grupos familiares ou de amigos, antes mesmo da fundação de sociedades espíritas oficiais. O próprio surgimento de *O Livro dos Espíritos* deve-se às sessões caseiras na casa da família Baudin, onde Kardec iniciou seus estudos. Em nenhum momento Kardec “proíbe” a prática mediúnica domiciliar - o que ele faz é recomendar que, seja no lar ou numa sociedade, observe-se o mesmo rigor de seriedade, com ambiente moral saudável, oração e estudo. Como já citado, não é o local físico em si que determina a qualidade da comunicação, mas sim as **condições morais e fluídicas**. **Bons Espíritos afluem onde quer que haja sinceridade e elevação**, seja numa instituição formal ou em torno de uma mesa humilde na sala de jantar. Por outro lado, Espíritos perturbadores aproveitarão qualquer brecha de invigilância, mesmo que a pessoa esteja num centro aclamado. Logo, a alegação moderna de que “mediunidade no lar” é inviável não encontra respaldo nos fatos e princípios deixados por Kardec - ao contrário, ele documentou fenômenos ocorridos nos mais diversos lugares e não exigiu uma “igreja espírita” para validá-los. Claro, há vantagens em grupos maiores e orientadores experientes, mas isso não significa que a mediunidade deva ser confinada às instituições. A ciência espírita nasceu **no seio de reuniões livres e estudiosas**, e não seria coerente convertê-la em monopólio de ambientes controlados.

Em resumo, o contraste se estabelece assim: Kardec legou um **Espiritismo dinâmico, experimental e esclarecedor**, enquanto certos segmentos do Espiritismo atual, talvez por zelo ou influência do misticismo religioso, acabam por frear o ímpeto investigativo, adotando práticas excessivamente cautelosas. Vale lembrar que Kardec e os Espíritos superiores previam essa possibilidade. Na *Revista Espírita*, São Luís (guia espiritual da Sociedade de Paris) alertou que os

Espíritos elevados não comparecem a **reuniões fúteis**, mas também não proíbem Espíritos inferiores de irem a reuniões sérias – estes muitas vezes ficam calados, “como os estouvados numa reunião de sábios”, acabando por aprender com os ensinamentos ali dados. Ou seja, até mesmo a **presença de Espíritos menos adiantados** numa sessão bem conduzida pode ter utilidade, seja pedagógica (para eles) ou esclarecedora (para nós, ao estudarmos seus depoimentos). Condenar aprioristicamente toda evocação ou toda tentativa de diálogo investigativo com Espíritos, sob pretexto de que “só os ignorantes viriam”, é desprezar uma fonte valiosa de conhecimento e auxílio. Foi dialogando com criminosos desencarnados, suicidas arrependidos, crianças desencarnadas, sábios da antiguidade, etc., que Kardec colheu material para obras como *O Céu e o Inferno* e enriqueceu a compreensão espírita da justiça divina. A ciência espírita, para ele, **não temia encarar nenhum aspecto da realidade espiritual**, desde que armada com a fé raciocinada e a moral do Evangelho.

Conclusão

As evocações e reuniões mediúnicas, tal como sistematizadas por Allan Kardec, foram alicerces do Espiritismo enquanto ciência em desenvolvimento. Kardec demonstrou que é possível abordar os fenômenos espirituais com **seriedade, método e espírito crítico**, extraíndo deles ensinamentos morais profundos e conhecimentos sobre a natureza da alma. As evocações de Espíritos, longe de serem práticas supersticiosas, eram realizadas de forma racional e **controlada**, visando estudar casos e testemunhos do além-túmulo para confrontá-los entre si e com a razão. As reuniões mediúnicas atuavam como **laboratórios experimentais**, onde hipóteses eram testadas em repetidas comunicações, sob observação rigorosa e registro detalhado dos fatos. Dessa maneira, Kardec e seus colaboradores puderam erigir um corpo de conhecimento espírita coerente, que resiste ao escrutínio crítico até os dias de hoje.

Contemporaneamente, ao reexaminar os fundamentos metodológicos legados por Kardec, o movimento espírita é convidado a reencontrar esse equilíbrio entre **fé e razão, entusiasmo e prudência**. Evocar Espíritos com respeito, dialogar com eles de forma inteligente, educar médiuns e participantes para a análise lúcida das mensagens – tudo isso faz parte da **herança kardeciana**. Rejeitar sumariamente tais práticas pode empobrecer o Espiritismo, reduzindo-o a uma repetição passiva de verdades já conhecidas. Por outro lado, **reviver o espírito**

investigativo de Kardec não significa temeridade ou desrespeito, mas sim fidelidade à proposta original de um Espiritismo que é ao mesmo tempo ciência de observação, filosofia racional e religião à luz do Cristo. Como Kardec bem disse, “fora da caridade não há salvação” - mas também ensinou, com o exemplo, que *fora do estudo e do método não há progresso seguro*. Cabe-nos, portanto, honrar esse legado, unindo o coração e o intelecto na continuidade da grande pesquisa espírita sobre o destino humano e as leis do Universo espiritual.

Fontes: Obras de Allan Kardec - *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* (1858); *O Livro dos Médiuns* (1861); *Revista Espírita* (1858-1861).